Baleia na Rede ISSN – 1808 -8473
Revista online do Grupo Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura

GRACILIANO RAMOS CRONISTA DA MODERNIDADE: FRAGMENTOS LITERÁRIOS DE 1915

Robson dos SANTOS[1]

Resumo: Esse artigo desenvolve uma reconstrução da experiência literária de Graciliano Ramos como cronista no ano de 1915. Com a pretensão de desenvolver uma carreira literária, o autor encaminha-se de Alagoas para o Rio de Janeiro para se engajar no ofício literário. Desenvolvendo um problematização entre contexto social e campo literário, o artigo busca, a partir da análise das crônicas publicados num momento de transição para o autor, apontar a compreensão da modernidade vislumbrada pelo jovem cronista localizado na "periferia" dos espaços literários, mas imbuído da intenção de construir uma carreira na *República das letras*.

Palavras-chave: Modernidade; literatura; sociedade; crônica; escritor.

Introdução

O romancista só pode descrever bem seu tempo e seu meio. Eu só sinto o mandacaru.

(Graciliano Ramos. *Linhas Tortas*)

Graciliano Ramos representa figura consagrada na história intelectual e literária brasileira. Obra e autor sintetizam e exprimem diversos dos paradoxos imanentes à condição de intelectual no Brasil e à forma de produção literária. Alguns de seus romances são cânones literários dispostos entre as principais produções estéticas nacionais. Como intelectual, figura pública e artista engajado politicamente – situação comum entre muitos autores na primeira metade do século XX - suas criações possuem uma inexorável interação com a cultura e a política. Em linhas gerais, esse artigo propõe, a partir da mobilização de algumas categorias da análise sociológica da literatura, uma reconstrução parcial das condições socioculturais intrínsecas ao espaço literário brasileiro no início do século XX, analisando as crônicas de Graciliano Ramos reunidas no livro *Linhas Tortas*, que foram publicadas no ano de 1915. Almeja-se esclarecer como os escritos - publicados originalmente em jornais e revistas do Rio de Janeiro e de Alagoas no ano de 1915 representam elaborações estéticas que se imbricam com a história brasileira ao direcionarem

[1] Graduado em ciências sociais pela Unesp – campus Marília. Mestre em sociologia pela Unicamp. Doutorando em Sociologia pela Unicamp. Professor Assistente da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: relvalins@yahoo.com.br.

seu foco narrativo para os conflitos políticos, às alterações dos grupos detentores do poder social e econômico, assim como à emergência de novos *agentes sociais*. Objetiva-se também explanar como as crônicas exprimem o processo de alterações no campo literário brasileiro, que, nos anos 20 penderia para as inovações formais do modernismo.

A leitura das crônicas redigidas em 1915, feitas ressaltando a dimensão sociocultural que comportam, nos conduziu a várias reflexões que tangem os paradoxos do campo intelectual brasileiro, as tentativas de compreensão da modernização a partir das peculiaridades a que estava lançado Graciliano Ramos, assim como das potencialidades da crônica em compor um diálogo com a história social, não imune aos julgamentos e concepções de mundo que marcam cada contexto. Portanto, uma das intenções da análise foi também entender como os textos não implicam necessariamente um trajeto teleológico, racionalmente orientado, mas dialogam com as disputas no campo literário, não isento das ambigüidades, contradições e avanços que o desenvolvimento intelectual comporta e, por isso, o campo sintetiza avanços e recuos, mobilidades e alterações dos posicionamentos. Os textos de 1915 absorvem os paradoxos da modernidade que se apresentava figurativamente no Rio de Janeiro.

Traços a esmo em 1915

A decadência da produção açucareira e a concentração da administração da República na cidade do Rio de Janeiro, entre outras questões, impulsionaram o processo de centralização econômica, política e cultural no Sudeste do país, isso já no século XIX. O avanço da cultura cafeeira estende a área de produção econômica para os Estados de São Paulo e Minas Gerais. Rio de Janeiro e São Paulo, centros de circulação e negociação comercial, passam a constituir espaços destacados de produção e reprodução cultural, concentrando as poucas oportunidades existentes para a atividade artística. Jovens intelectuais, oriundos das mais diversas regiões do país partem das províncias em direção principalmente ao Rio de Janeiro, em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, impulsionados pela idéia de estabelecer uma carreira intelectual e garantir seu espaço no campo artístico e literário.

> [...] desde praticamente o início da campanha abolicionista até o início da década de 1920, quase toda produção literária nacional se

> faria no Rio de Janeiro [...]. Palco principal de todo esse processo radical de mudança, a Capital centralizou ainda os principais acontecimentos desde a desestabilização paulatina do Império até a consolidação definitiva da ordem republicana. Ela concentrava também o maior mercado de emprego para os homens de letras (SEVCENKO, 1999, p. 93).

O Rio era o centro polarizador de tudo que se pretendia novo, o sonho de todo intelectual de província (OLIVEIRA, 1990). Concentrando a intelectualidade das letras e da política e os empregos na área, a Capital da República engloba as poucas oportunidades de inserção no universo literário com vistas à manutenção material e à consagração simbólica, condições relacionais, mas não coincidentes. O sucesso de tal empreitada variará, em certa medida, conforme a teia de relações sociais na qual se sustenta cada autor. Somente as qualidades intelectuais de que cada um dispõe não garantem sua consagração e a estabilidade material, o que, no caso dos autores de origem menos abastada, não deixava de constituir um elemento relevante. Embora seja impróprio reduzir todo processo de consagração literária ao capital social de cada autor, não menos incorreta parece a hipótese de que a consagração depende exclusivamente das qualidades intrínsecas da produção do escritor.

Enredado nestes anseios é que Graciliano Ramos aportará no Rio de Janeiro em 1915, com o intuito de tentar uma carreira no jornalismo (MORAES, 1996). A ausência de um capital social, que lhe garantisse a inserção nos meios tradicionais de absorção intelectual, irá tornar a "colocação" do jovem proveniente do Nordeste uma tarefa árdua. O país, ou ao menos seu principal centro cultural naquele momento, o Rio de Janeiro, assistia a um avanço significativo do processo de urbanização, o signo capital da modernização no contexto, mas não só, pois alterações se verificavam em diversas áreas. Garantir uma carreira na política, no funcionalismo público e no jornalismo representavam as oportunidades em voga. Cronistas abundam nos jornais e são justamente esses que representam uma das formas destacadas de iniciação literária no primeiro quarto do século XX.

> A nova grande força que absorveu quase toda a atividade intelectual nesse período foi sem dúvida o jornalismo. Crescendo emparelhado com o processo de mercantilização na cidade, o jornalismo invadiu impassível territórios até então intocados e zelosamente defendidos. Os jornalistas, ditadores das novas modas e dos novos hábitos, chegavam a desafiar e a vencer a própria Igreja na disputa pelo controle das consciências (SEVCENKO, 1999, p. 99).

Nessa fase se desenvolveram algumas condições sociais favoráveis à "profissionalização do trabalho intelectual, sobretudo em sua forma literária, e à constituição de um campo intelectual relativamente autônomo, em conseqüência das exigências postas pela diferenciação e sofisticação do trabalho de dominação" (MICELI, 2001, p. 16). É em meio a tais transformações que Graciliano Ramos busca se inserir nos espaços de produção e reprodução de textos. As primeiras crônicas inclusas em *Linhas Tortas* (1975) foram redigidas no ano de 1915 e publicadas no *Jornal de Alagoas*, de Maceió e no carioca *Paraíba do Sul*. Nos primeiros textos, escritos para a imprensa de Alagoas, as dificuldades a que estaria exposto para deslanchar uma carreira intelectual desprovido das relações que o auxiliassem, surgem acompanhadas da percepção das disposições políticas que organizam o poder na região. A ausência de uma estrutura desenvolvida para a circulação cultural sujeita a atividade artística às possibilidades de favorecimento pessoal que a Primeira República oferecia.

O quadro cultural do país não permite, porém, que nos entreguemos à ilusão de vislumbrar uma situação sociologicamente inexistente. Os escritores "dialogavam" basicamente com uma parcela reduzida da população, considerando o percentual ínfimo de alfabetizados no Brasil daquele contexto. Antonio Candido (1989) sintetiza a situação:

> Se pensarmos nas condições materiais de existência da literatura, o fato básico talvez seja o analfabetismo [...]. Com efeito, ligam-se ao analfabetismo as manifestações de debilidade cultural: falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais); inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, devido ao pequeno número de leitores reais (muito menor que o número já reduzido de alfabetizados); impossibilidade de especialização dos escritores em suas tarefas literárias, geralmente realizadas como tarefas marginais ou mesmo amadorísticas [...]. O quadro dessa debilidade se completa por fatores de ordem econômica e política, como os níveis insuficientes de remuneração e a anarquia financeira dos governos, articulados com políticas educacionais ineptas ou criminosamente desinteressadas (CANDIDO, 1989, p. 143).

As fragilidades que balizam o espaço literário, aliadas a um ambiente social assinalado pelo caráter estático das estruturas de poder político e social, que limitam as chances de mobilidade cultural e irrompem constantemente nos textos escritos em 1915. Com nuances e focos diferenciados, as narrativas se desenvolvem atreladas a conteúdos

que, direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, se atêm sobre um senso de exclusão assumido pelo autor e que exprime, parcialmente, a tonalidades da desigualdade e as diferenças globais presentes na sociedade de então. Isto se apresenta tanto em relação aos limites que recaem sobre suas pretensões literárias, quanto em relação às desigualdades sociais e à concentração do poder no Sudeste do país, que lança o Nordeste, visto pelo autor como unidade cultural, numa situação de "atraso" econômico e político, no olhar de Ramos.

No "cenário" político brasileiro, os vagos anseios liberais-republicanos não resistem à solidez das formas sociais que caracterizam a dominação fundamentada no oligarca regional, uma espécie de poder superior, imune às articulações e ditames da política oficial, e que influía acintosamente sobre o Estado em função das suas conveniências regionais[2].

> A constituição da república tem um buraco.
> É possível que tenha muitos, mas sou pouco exigente e satisfaço-me com referir-me a um só. Possuímos, segundo dizem os entendidos, três poderes – o executivo, que é o dono da casa, o legislativo e o judiciário, domésticos, moços de recados, gente assalariada para o patrão fazer figura e deitar empáfia diante das visitas. Resta ainda um quarto poder, coisa vaga, imponderável, mas que é tacitamente considerado o sumário dos outros três (RAMOS, 1975, p. 9).

A divisão de poderes, fundamento do ideal republicano, exige um nível de dominação social que se paute em estruturas racionais e impessoais. Esta condição não se sustenta ao se deparar com o regime de manutenção do poder tradicional mantido pelos grupos dominantes rurais. Aqui, o jovem cronista nota a permanência de um vácuo na estrutura política do período. Patriarcalismo e patrimonialismo ordenam as forças em prol dos benefícios econômicos e sociais na figura "do chefe político local". Sob as abas e mesmo com a conivência oficial, esses chefes se mantêm, afinal, *são os donos de todos os municípios destes remotos rincões que o estrangeiro ignora, que as cidades do litoral conhecem vagamente, através dos despachos da Agência Americana* (LT, p. 10)[3]. Nos escritos de Alagoas, pesam o clima estático de uma situação aparentemente inalterável,

[2] É interessante retomar a análise de Sérgio Buarque de Holanda que, em *Raízes do Brasil*, traçava relação similar em outro momento histórico, com outros atores sociais, mas ilustrativo da mesma estrutura social de poder no que se refere às conveniências entre idéias e domínio político, indiferentes às contradições existentes na prática social e intelectual. Escreve Holanda: "A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas. E assim puderam incorporar à situação tradicional, ao menos como fachada ou decoração externa, alguns lemas que pareciam os mais acertados para a época e eram exaltados nos livros e discursos" (HOLANDA, 2004, p. 160).

[3] Abreviações: Linhas Tortas (LT); Viventes das Alagoas (VA); Insônia (I).

mesmo vários anos após a implementação da República com seus anseios liberais. No interior, nas vilas, nos sertões do país nada parecia romper uma rotina secular, firmemente alicerçada no privilégio, no arbítrio, na lógica do favor, na inviolabilidade da vontade senhorial dos coronéis e nas rígidas hierarquias assentadas sobre a propriedade, a violência e o medo (NEVES, 2003). Antes de representar uma reafirmação da noção de dois *Brasis*, litoral e sertão, que precisavam ser fundidos, idéia presente nos projetos de construção da identidade nacional no período (LIMA, 1999), tal percepção do "atraso" Nordestino sugere as contradições inerentes a um período de modernização excludente, que não divide o país em dois, mas sustenta sua *modernização localizada* em/e para certos grupos na exclusão de grande parte de seus membros.

No campo das idéias predominavam as referências intelectuais européias[4]. O positivismo, o liberalismo, a noção de progresso e civilização, solidificados pela crença na racionalidade geométrica das máquinas, nos traços arquitetônicos das cidades industriais – esteticamente figurados na influência do *futurismo* (BOSI, 1979) – norteavam os discursos da intelectualidade brasileira, ávida pela "construção" e o reconhecimento de uma identidade e de uma cultura nacional, ao mesmo tempo cosmopolita e moderna. Estas aspirações, porém, se chocavam com as condições miseráveis em que estava imersa a maioria da população e com os métodos arcaicos de dominação e manutenção do poder político e econômico (SEVCENKO, 1999). Incapaz e sem intenções de se livrar da oligarquia rural, a modernização brasileira se desenvolve harmonizando o novo burguês urbano, que mimetiza modos e costumes europeus, principalmente franceses, associado aos coronéis e oligarcas tradicionais, saudosos da *casa-grande*. Afinal, é da produção rural que provém boa parte do capital financiador do processo de industrialização e que "sustenta" muitas das redes intelectuais.

O "isolamento" e a decadência econômica aos quais era relegada grande parte da região geográfica nordestina, em relação ao Rio de Janeiro, contribuíam para a permanência das condições habituais de poder. É sobre as poucas oportunidades de superação de tais situações limitadoras, social e intelectualmente, que se concentram as crônicas iniciais de LT. Nelas o tema capital é o da determinação pelo meio, seja esse social ou natural. Ele modela as percepções, estabelece as visões de mundo e, principalmente, define as possibilidades de ascensão e mobilidade. Isolado em um ambiente de pouca efervescência

[4] Roberto Schwarz (2000), destaca que, ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre no sentido impróprio. É nessa qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura. Para o ensaísta, o escritor pode não saber disso, nem precisa usá-las, mas só alcança ressonância profunda e afinada caso lhes sinta, registre e desdobre – ou evite – o descentramento e a desafinação.

cultural, o autor se resigna a uma constatação hermética e desoladora: *agora eu penso que o ambiente é tudo* (LT, p.14). Sintomática de tal ponto de vista é a crônica que encerra a parte redigida no Nordeste e que antecede sua "aventura" intelectual no Rio de Janeiro. Nesse contexto, o meio conforma práticas, *habitus*, delimita movimentos e modela os indivíduos, daí ser sugestivo o elogio à obra de Eça de Queiros, em seu fundamento naturalista. *Eça é grande em tudo – na forma própria, única, estupendamente original de dizer as coisas; na maneira de descrever a sociedade, estudando de preferência os seus lados grotescos, ridicularizando-a, caricaturando-a* (LT, p. 16). Antonio Candido (1992) nota a influência que a literatura do autor português irá exercer sobre Graciliano Ramos, principalmente sobre seu primeiro romance, *Caetés*. É no ceticismo e no sarcasmo de Eça que reside sua atração, pois, segundo Ramos, o primeiro *pintou ministros estúpidos, padres devassos, jornalistas vendidos; escarneceu a literatura de sua pátria, a política [...]; troçou a burguesia, a religião, o hino da carta* (LT, p. 17). Ironia esta que irá aparecer em diversos momentos nos textos de Graciliano.

Compondo um tipo de exercício estilístico, Ramos irá construir as crônicas como ferramentas de escrutínio histórico, político, social e psicológico, lançando mão de um estilo irônico que deslegitime as crenças oficiais, correntes etc. Traçando situações, personalidades, conflitos, por meio de textos mordazes, as crônicas iniciais de LT pincelam fragmentos e momentos do social no intuito de constituírem uma espécie de exame, orientado por um viés de análise política, social, cultural e psicológica que traduza os mecanismos de supressão do indvíduo e de reprodução e perpetuação das desigualdades.

A dimensão crítica das crônicas, assinalada por objetivos analíticos, não permite, de forma alguma, que os textos iniciais de *Linhas Tortas* sejam inquiridos somente com o intuito de apontar uma suposta "visão crítica" em maturação no autor sobre a estrutura social brasileira e que atingiria sua maioridade nos romances dos anos 30. Tal perspectiva acaba conferindo *aprioristicamente* aos agentes uma postura excessivamente racional e evolutiva. O processo de consagração que Graciliano Ramos atingiria nos anos trinta e que o tornaria um escritor reconhecido, não deve ser vislumbrado em gestação nas crônicas de 1915. A sociogênese de um estilo, de uma opção estética e narrativa, não deriva de um processo teleológico, que oferece a possibilidade de se decifrar os desenvolvimentos ulteriores por meio de "indícios" existentes já nas crônicas de 1915. Deve-se entender que nesse período irrompe não a visão de mundo do autor de *Angústia*, mas a percepção intrínseca ao jovem cronista ansioso por encontrar nas letras as fontes de sua manutenção e que se depara com os limites sólidos impostos aos que não detêm os bens simbólicos e materiais imprescindíveis a tal realização.

Desprovido de diploma universitário num ambiente de bacharéis, sem o apadrinhamento político, sem uma renda familiar que lhe garantisse o sustento, subsistem esparsas oportunidades ao escritor. Contudo, em meio aos obstáculos representados por sua condição, irrompe uma perspectiva cética, negativa e clarificada sobre as condições sociais e as disposições políticas que compunham o momento histórico brasileiro. Dinamizando uma reflexão pautada nas condições sócio-políticas, com um olhar irônico sobre os tipos e comportamentos humanos, o conteúdo dos textos absorve as tensões e as condições integrantes e peculiares do período, com o auxílio e a influência das idéias em voga. Isto é notado ao recensearmos os temas componentes das crônicas, definidores do contexto histórico, tais como a modernização urbana, as massas operárias etc. Trajetória individual e as condições sociais globais fundamentam as perspectivas expressas nos escritos.

Nos primeiros anos do século XX, aprofunda-se o movimento de "importação" de mão-de-obra de origem européia no intento de aumentar a força de trabalho para a lavoura e para a nascente industria brasileira. O translado de grupos sociais europeus implica também o florescimento de uma "nova percepção" acerca da questão social, a partir do acréscimo dos operários urbanos e das associações, sindicatos e entidades criadas a partir da expansão da massa trabalhadora. Não é consensual a tese de que os migrantes traziam na bagagem experiências com os movimentos operários, assim como teorias políticas de origem comunista, socialista e anarquista[5], provenientes de sua experiência na Europa e que isso significou uma complexização das lutas sociais no Brasil. Independente das polêmicas e revisões historiográficas em relação ao tema, vale destacar, porém, que ocorre um aumento significativo das movimentações por direitos sociais, humanos e pela efetivação de uma cidadania não meramente legal e sim substantiva nas primeiras décadas do século XX, o que representa sobretudo uma complexização e uma exposição crescente das contradições, desigualdades e da "questão social". Essas questões substanciam, consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, as crônicas.

No primeiro texto escrito e publicado no Rio de Janeiro por Graciliano Ramos, ainda em 1915, aflora não somente a sensação de assumir uma tarefa que lhe deslumbra, isto é, publicar no espaço central do campo literário e do poder, algo que surge sob um posicionamento entre humilde e irônico: *O homem que me convidou a traçar aqui uma*

[5] "Durante muito tempo vigorou a tese de que havia uma correlação direta entre a maciça presença de imigrantes no Sudeste e no Sul do país e a militância do movimento operário e a difusão de certas ideologias [...]. Na medida, porém, em que os estudos sobre a imigração se aprofundaram, esta relação passou a ser vista com crescente reserva. Afinal, o que esses estudos mostraram é que a imensa maioria dos imigrantes provinha do campo e, na maioria das vezes, não tinha qualquer experiência prévia de engajamento sindical ou político. Isso, evidentemente, não quer dizer que não existissem imigrantes com experiência prévia nos seus países de origem e cuja imigração se devia não a razões de ordem econômica, mas a problemas políticos" (BATALHA, 2003, p. 165-166).

série de sensaborias semanais, para tua desgraça, fê-lo tão às pressas que nem sequer teve tempo de dizer-me a que partido pertencia a folha e que homens ou coisas era preciso defender ou atacar (LT, p.18). A ironia em relação ao artigo encomendado traduz as condições difíceis de inserção dos intelectuais e de manutenção dos jornais que, em vistas da necessidade de sobrevivência e também aos vínculos com os grupos dominantes economicamente, obriga muitos órgãos à concessão para a *cavação*, o elogio pago e o mercenarismo político.

Na mesma crônica ele escolhe a quem atacar e, se servindo de um discurso de esquerda, crava: *eu não sei a quantidade e a cor da substância que acaso armazenas no crânio, rotundo burguês que candidamente transportas o suor de teu próximo para as profundidades de tua volumosa pança* (LT, p. 18).

O marxismo, o anarquismo e o socialismo passavam a partir deste período a penetrar no arcabouço discursivo e reflexivo das vertentes à esquerda da intelectualidade brasileira, seja em decorrência das reivindicações e lutas sociais, seja por meio da leitura de autores europeus e americanos, das referencias européias e, posteriormente, da Revolução Russa. Neste sentido, é fundamental notar a presença dos atores sociais oriundos das classes operárias e pobres, principalmente urbanas, nas demais crônicas redigidas no ano de 1915, no Rio de Janeiro. *O vendedor de jornais é o tipo mais despreocupado e alegre do mundo* (LT, p.29). Mais adiante: *Interessantíssimas criaturas os criados de botequim!* (LT, p. 40).

Os textos elaborados no Nordeste apontam a atenção do autor concentrada na estruturação tradicional do poder oligárquico. Mais adiante, os símbolos e atores da modernidade social e cultural que desfilam no Rio é que passam a ser o foco e o conteúdo de suas crônicas. Eis que surgem os vendedores de jornais, os serviçais domésticos, os operários industriais, as prostitutas, o cinema, entre outros, apontando para a complexização e a dinamização das condições sociais e a elaboração de paradoxos traduzidos pelo autor em descrições literárias rápidas, atreladas substancialmente à forma estilhaçada da crônica. Sua rapidez não atesta sua banalidade, mas sim sua própria profundidade, pois simboliza um contexto no qual a superficialidade racionalizada constitui a constância das relações. Apenas a fútil, o passageiro, o descartável para subsistir dentre as referências socioculturais. Assim, à crônica, cabe modelar uma forma literária que responda às possibilidades de conteúdo oferecido, pois é preciso inverter a lógica e não acusar a crônica de ser algo descartável, passageiro, mas sim reabilitá-la como síntese literária que articula os novos conteúdos por meio de uma forma atrelada estruturalmente ao contexto histórico-social. Tal característica Ramos imprimiu com maestria às suas crônicas.

O ritmo da modernidade pode ser simbolizado pela velocidade, seja dos carros, dos bondes, das multidões, das relações, enfim, tudo implica uma recusa do sereno, do marasmo, do bucólico romântico (BENJAMIN, 1975). É assim que irrompem as descrições de LT: *A polícia mandou que ela [a prostituta] saísse – um mandado de despejo em regra. Por quê? Porque reconheceu que o amor é incompatível com o barulho dos bondes, dos automóveis, das carroças (LT, p. 22)*. O frenesi urbano se choca com a ternura amorosa, que exige a solidão, a calma e o tempo livre. Entre imagens que evocam o caos e a mecanização, não parece haver espaços de entrega ao amor, seja pago ou voluntário.

> Sempre o ruído, o medonho ruído que estraga a suavidade dos idílios. É o grito importuno dos vendedores ambulantes; é o automóvel monstruoso a resfolegar, a bufar, a urrar, terrível, os olhos sinistramente estrábicos, brilhando na treva – um amarelo, outro verde (LT, p. 22).

A modernidade vislumbrava nas máquinas seus símbolos de efetivação, ostentação e de consolidação, mas dinamizava os valores morais, fragilizava as crenças consolidadas, acelerando não somente o ritmo da vida, mas também as alterações socioculturais.

> [...] Alguns estímulos da vanguarda artística européia agiam também sobre nós: a velocidade, a mecanização crescente da vida nos impressionavam em virtude do brusco surto industrial de 1914-1918, que rompeu nos maiores centros urbanos o ritmo tradicional. As agitações sociais, trazendo ao nível da consciência literária inspirações populares comprimidas, esboçavam-se também aqui, embora em miniatura (CANDIDO, 2000, p. 111).

Sintomática de tal gama de sentimentos, modificações e processos é a forma como o autor encerra a crônica sobre a perseguição imposta às prostitutas pelas autoridades cariocas. A atividade e a localização das primeiras exigia cada vez mais espaços privados, pois as multidões tomavam as ruas, que se tornavam ambientes de circulação e lazer, e, afinal, era fundamental a preservação de valores tradicionais no seio de uma modernização conservadora e contraditória. É com ironia que Ramos delineia a situação.

> Demais, como também às vezes viajam por ali raparigas virtuosas, houve receio de que alguma delas, seduzida por uma vida livre e fácil, tivesse tentação de tomar o freio nos dentes e mandar o pudor às favas. Ora, esses desastres devem ser evitados...

> E aí está a razão da incompatibilidade que agora existe entre os carros da *Light* e o amor (LT, p. 23).

Os processos de construção de uma modernidade no território brasileiro convivem com as tensões provenientes dos anseios dos grupos dominantes, que se chocam com as condições da ampla maioria da população. As reformas urbanas, por exemplo, ocorridas em fins do século XIX e durante as primeiras décadas do XX implicam em uma reformulação dos espaços de circulação de mercadorias e pessoas. Porém, antes de incluir seus "antípodas", é no processo de exclusão e higienização que se concentram os esforços de construção de uma nação civilizada, proposta pelo progresso tingido de cores positivistas do período (SEVCENKO, 1999).

Em meio aos diversos temas e atores, é principalmente sobre a literatura que versa grande parte das crônicas escritas no Rio. O literato e o jornalista são os profissionais mais assíduos em seus textos. O campo literário é composto não somente pela figura do escritor e sua obra, mas envolve uma rede de relações, circulação e reprodução das obras, composta por editores, livreiros e pelos críticos literários, entre outros. É justamente esta última função que Ramos encampa, servindo-se de suas crônicas para tecer comentários direcionados à literatura. Genericamente *fazia crítica, crítica de tudo – de modas, de cortes, de política, de letras, da vida alheia, etc. Coisa que me caísse debaixo da pena era coisa criticada (LT, p. 35).* Mas é sobre as letras que sua atenção e ironia recaem de forma mais intensa e é fundamentalmente sob a perspectiva da literatura que ele vislumbra e problematiza as idéias e situações sociais. Afinal, *a coisa mais fácil do mundo é fazer crítica, fiquem sabendo, principalmente crítica literária* (LT, p. 37). Ao rebaixar e satirizar o papel da crítica, o autor, antes de rejeitar o ofício, adentra nele, ao auto-referenciar-se, em última instância, como crítico de literatura. Esta posição sarcástica permite, porém, que surja uma visão destacada dos mecanismos de funcionamento do universo das letras. Expondo as disputas de poder e as trocas de elogios, solidificadoras de capital social, que organizam o oficio de crítico, ele sintetiza de maneira cristalina os mecanismos de funcionamento do espaço literário.

> Se um simplório qualquer pronuncia o nome de augusto do *Mestre* irreverentemente sem bater nos peitos, sem dobrar os joelhos, sem agitar o turíbulo, ele, o dogmático, o altivo grande homem em germem, esmaga, anatematiza, fulmina o herege estúpido. Forma com outros caudatários desse poderoso Paxá das letras, uma espécie de cenáculo, uma enérgica instituição que tem dois objetivos: exaltar

> condicionalmente as produções de seus membros e vilipendiar sistematicamente todas as obras de indivíduos estranhos à seita. Assim, cada um os sócios da comunidade encontra sempre quem o enalteça, despendendo grande cópia de adjetivos ruidosos. O sócio elogiado deve por amabilidade e por gratidão retribuir todos os encômios recebidos, afirmando que o sujeito que o honrou é simplesmente um gênio (RAMOS, LT, p. 44).

É por meio da literatura que os autores buscam compor um quadro da estrutura social brasileira na Primeira República. É através dos romances e das crônicas, como em Lima Barreto, que as limitações e as condições sociais do país são explicitadas e criticadas. A literatura é substanciada nas condições sócio-culturais do Brasil e sobre elas busca lançar algum tipo de clarificação, recusa ou transformação.

A descrição da lógica de funcionamento do espaço literário é retomada em outros textos. A visão exposta pelo autor sobre o papel de crítico se caracteriza, sobretudo, por uma descrença quanto à sua objetividade em julgamentos sobre a literatura. Os gostos literários e os padrões nos quais se apóiam os críticos, longe de sustentar uma neutralidade ao avaliar, reproduzem as forças em litígio nos grupos dominantes tanto literária, quanto política e socialmente, nem sempre coincidentes, mas invariavelmente muito próximos. Ao narrar, em uma crônica escrita no Rio, as possibilidades de, em jornais diferentes, uma mesma obra ser ora recheada com elogios, ora atacada, o autor sugere os limites a que está sujeita a análise com pretensões objetivas, mas que opera forças e padrões de gostos atrelados a grupos e perspectivas sociais. Após resumir tanto os elogios feitos sobre uma obra, no primeiro jornal, quanto as críticas, no segundo, ele concluí: *Retirem dali os chavões, galicismos e as tolices, e vejam o que resta...* (LT, p. 37).

Neste sentido, é importante notar a emergência da figura do literato em várias crônicas, definido entre a fragilidade e a excentricidade, ele simboliza as contradições e disposições inerentes ao campo literário.

> O literato em esboço é um sujeito que tem sempre no cérebro um pactolo de idéia e que ordinariamente não tem na algibeira um vintém.
> É poeta na acepção vulgar da palavra – é desocupado. Anda com a cabeça no ar, como convém a um indivíduo que faz versos. Através da fumaça branca de seu cigarro percebe vagamente alguma coisa muito brilhante e muito grande a acenar-lhe. É afoito, ri muito, gesticula em excesso, fala alto, principalmente a respeito de sua pessoa.
> Agrada-lhe falar de sua pessoa (LT, p. 42).

Criação estética e rendas materiais, classicamente inconciliáveis na narrativa da *arte pela arte,* definem a angústia do *literato*, esse indivíduo moderno, portador de uma ambigüidade social. Sua arte se dá em meio à miséria material: *não almoça todos os dias, mas todos os dias escreve algumas tiras* (LT, p. 43). Os espaços de inserção literária no país são poucos. Portanto, parece improvável a existência de escritores beneficiados com grandes somas econômicas a partir de seus textos. O literato, no Brasil daquele período, não se debate com a contradição entre retorno material e simbólico, pois ele deve se contentar quase sempre apenas com o segundo, isto é, com o *valor* de sua obra.[6] Graciliano enfrentou todos os percalços a que se vê exposto um intelectual autodidata dilacerado entre a ambição de dedicar-se às práticas simbólicas e a impossibilidade objetiva de ser colhido numa posição do mercado de postos capaz de lhe propiciar as condições necessárias para encetar uma carreira intelectual segundo os padrões dominantes na época, o que sintetiza a condição de diversos outros intelectuais (MICELI, 2001).

> Não tem idéia fixa ... perdão, tem uma idéia fixa, uma idéia que o persegue, que o atormenta, que o não deixa um instante – está plenamente convencido de que tem valor, um valor incalculável, e sente viver num desgraçado planeta que não o admira. Lamenta a imbecilidade dos homens, que lhe não erguem altares (LT, p. 43).

Escritores, autores, romancistas, poetas, cronistas, enfim, literatos envolvidos e/ou relacionados com as instâncias de "produção", reprodução, circulação e consagração literária, dada sua inserção duplamente crivada, isto é, estética e política, representam, em suas potencialidades e incapacidades, atores e agentes sociais.

As contradições sociopolíticas e culturais do período brotam constantemente nos textos iniciais de *Linhas Tortas*, e é, como se busca destacar, sobre a literatura que a pena do autor é atraída com maior constância para desnudar o social. Como já se aludiu, opinar sobre as criações literárias implica também uma referência às condições socioculturais. A literatura e o contexto social se imbricam de maneira muito íntima. A primeira buscando e elaborando visões sobre a formação e as condições históricas, enquanto as segundas

[6] Bourdieu nota, no caso francês, como o processo de autonomia efetuado no campo literário, instaura uma ordem inversa em que a consagração material se dá em oposição a consagração simbólica. Assim ele sintetiza a contradição: "Esse universo relativamente autônomo (o que significa dizer também, é claro, relativamente dependente, em especial com relação ao campo econômico e ao campo político) dá lugar a uma economia às avessas, fundada, em sua lógica específica, na natureza mesma dos bens simbólicos, realidades de dupla face, mercadorias e significações, cujo valor propriamente simbólico e o valor mercantil permanecem relativamente independes" (BOURDIEU, 1996, p. 162).

encontram nas criações literárias uma forma de referência às suas narrativas de formação, um tipo de unidade em meio à fragmentação e à enormidade das disposições da sociedade. É impossível imaginar uma coesão clara construída sobre uma monotemática rede discursiva nestes textos. As referencias das crônicas direcionam-se para os mais diversos elementos e conteúdos. Absorvem a fragmentação social sem o intuito de traçar a totalidade de seu movimento, mas sim se alterando entre os "materiais" - principalmente a literatura - de modo a compor um "mosaico social", unido pelas absorções das idéias, debates culturais, transformações políticas, econômicas, as contradições e ambigüidades do contexto.

Em decorrência de uma tragédia que se abateu sobre sua família[7] e enfrentando sérias dificuldades econômicas, Ramos é obrigado a retornar para Alagoas e somente em 1921 voltará a publicar novas crônicas.

Os textos de 1915 constituem formas de adentrar no espaço mais destacado da geografia cultural do Brasil no período, o Rio de Janeiro da primeira República, através da ótica de um jovem com pretensões intelectuais e literárias, que se depara com as rígidas disposições de um universo cultural em recente processo de maturação. É sobre a literatura que devem versar aqueles desejosos de garantir suas posições. Mas seus temas não se limitam às letras. Cinema, jornalismo, operários, técnica, urbanização, tais elementos desfilam no cenário do país e informam o conteúdo das crônicas, traduzindo e expondo o processo de transição em direção à modernidade e marcando a produção literária de Graciliano Ramos.

GRACILIANO RAMOS CHRONICLER OF MODERNISM: LITERARY FRAGMENTS OF 1915

Abstract: This article develops a reconstruction of Graciliano Ramos' literary experience as a chronicler in 1915. Intending to develop a literary career, the author guides himself, from Alagoas to Rio de Janeiro, to engage in the literary job. Developing a problematic, between social context and literary field, this paper seeks, up to chronics' analysis, published at a transition time to the author, to point out the modernity understanding, envisioned by the young chronicler, located at the "periphery" of literary space, but imbued of intention to build a career at *Letters' Republic*.

Key-words: Modernity, literature, society, chronic, writer

---

[7] Em agosto de 1915, Ramos regressa para Palmeira dos Índios, pois uma doença tira a vida de três irmãos em uma única semana. Sendo obrigado a abandonar o Rio de Janeiro e se encontrando em dificuldades financeiras, ele se dedicará ao comércio e só voltará a publicar novamente em janeiro de 1921, no jornal *O Índio*, de Palmeira dos Índios, sob o pseudônimo de J. Calisto.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Paris, capital do século XIX*. In: LIMA, Luiz Costa (org). Teoria da Literatura em suas Fontes, vol. II. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1983.

_____. *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1975.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar – a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. *As Regras da Arte – gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

_____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Gênese histórica de uma estética pura*. In: O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.

_____. *A vida ao rés do chão*. In: A CRÔNICA – o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

_____. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *A Educação pela Noite*. São Paulo: Ática, 1989.

CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

D'ANDREA, Moema Selma. *A Tradição Re(dês)coberta – Gilberto Freyre e a Literatura Regionalista*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

GARBUGLIO, J. C.; BOSI, A.; FACIOLI, V. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.

LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil – intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. (1915-1933). São Paulo: Cultrix, 1978. Vol. 6

MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária: prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2001.

MORAES, Dênis. *O velho Graça – Uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1996.

NEVES, Margarida de Souza. *Os cenários da República – O Brasil na virada do século XIX para o século XX*. In: O Brasil Republicano – O tempo do liberalismo excludente. DELGADO, Lucilia & FERREIRA, Jorge (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense: 1990.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PENNA, Lincoln de Abreu. *Republica Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PONTES, Neroaldo (Org.). *100 anos: Graciliano Ramos*. João Pessoa: CCHLA/Idéia, 1992.

PUCCINELLI, Lamberto. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Quirom, 1975.

RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1975.

_____. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. *Insônia*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. *Memórias do Cárcere*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960. Volume 2.

_____. *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

REALLI, Erilde Melillo. *Itinerário Nordestino di Graciliano Ramos*. Nápoli: Pubblicazioni della sezione Romanza Dell Instituto Univesitario Orientale, 1977.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. São Paulo : Paz e Terra, 2001.

_____. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. São Paulo: Ática, 1993.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras – literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Recebido em 11/07/08
Aprovado para publicação em 29/07/08